

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

João Anacleto Ferreira Souza

**IMAGEM E DIALÉTICA NA EDUCAÇÃO DA
CIDADE BEM GOVERNADA**

Belo Horizonte
2012

João Anacleto Ferreira Souza

**IMAGEM E DIALÉTICA NA EDUCAÇÃO
DA CIDADE BEM GOVERNADA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Tópicos Filosóficos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Orientador: Marcelo Pimenta Marques

Belo Horizonte
2012

RESUMO

O trabalho discute a importância da imagem e da dialética na educação da cidade bem governada apontando porque as imagens poéticas não podem fazer parte da cidade bem governada. Para isso é necessário o conhecimento do que é imagem e do que é dialética, além de compreender o que Platão entende por educação. Com isso, a discussão se volta ao Platão iconoclasta que é também iconófilo, ou seja, o Platão que critica as imagens, mas forma filósofos pela imagem. Para que se possa perceber como Platão não entra em contradição ao realizar essa crítica e construção da imagem é importante perceber a diferença existente entre a imagem poética e a imagem platônica. Essa diferença pode ser apresentada como o modo como a imagem é utilizada por Platão, ou seja, a imagem que é bem utilizada, aquela que consegue se mostrar como imagem. A imagem utilizada dessa forma é capaz de apontar para seu original e possibilitar ao sujeito ser apto a dialética. Nesse contexto a dialética faz sentido, tem utilidade, pode ser alcançada. A dialética é a arte de perguntar, responder e refutar que compreendida de modo estrito senso está para além das imagens, mas tomada em uma perspectiva mais ampla, como tomada de consciência crítica da imagem, é imagética. Todos os diálogos platônicos são permeados pelo processo dialético. Por fim a educação é o que visa o que é mais verdadeiro sem se esquecer do que é melhor para a cidade. Assim imagem e dialética são muito importantes para a educação, pois são a oportunidade de conhecer o mais verdadeiro e a ferramenta que possibilita esse conhecimento, além de ser o melhor para a cidade. Isso porque apenas aquele que for apto à dialética pode se tornar o filósofo governante que tornará a cidade próspera, justa e bela.

Palavras chave: Platão. Poetas. Sofistas. Imagem. Dialética. Educação. Cidade.

RÉSUMÉ

Le travail discute l'importance de l'image et de la dialectique dans l'éducation de la ville bien gouvernée. En indiquant parce que les images poétiques ne peuvent pas faire partie de la ville bien gouvernée. Pour cela est nécessaire la connaissance dont c'est image et dont c'est dialectique. Même, c'est nécessaire faire la compréhension de ce que Platon comprend par éducation. Avec cela, la discussion se tourne à Platoniconoclast qui est aussi iconófilo, c'est-à-dire, Platon qui critique les images, mais la forme philosophes par l'image. Pour qu'il se puisse percevoir comme Platon n'entre pas en contradiction réaliser cette critique et construction de l'image est importante de percevoir la différence existante entre l'image poétique et l'image platonique. Cette différence peut être présentée comme la manière comme l'image est utilisée par Platon, c'est-à-dire, l'image qui bien est utilisée, celle qui réussit à se montrer comme image. L'image utilisée de cette forme est capable d'indiquer son original et pour rendre possible au sujet être apte la dialectique. Dans ce contexte la dialectique fait sens, a utilité, peut être atteinte. La dialectique est l'art de de demander, de répondre et de réfuter que comprise de manière stricte sens il est outre les images, mais prise dans une perspective plus suffisante, comme prise de conscience critique de l'image, c'est imagética. Tous les dialogues platoniques sont permis par le processus dialéctic. Finalement l'éducation est ce qui vise ce qui est plus vrai sans s'oublier que c'est meilleur pour la ville. Ainsi image et dialectique sont très importantes pour l'éducation, ils donc sont l'occasion de connaître le plus vrai et outil lequel rend possible cette connaissance, outre être meilleur pour la ville. Cela parce que seulement celui qui sera apte à la dialectique peut se rendre le philosophe gouverneur qui rendra de la ville prospère, juste et belle.

Mots clé : Platon. Poètes. Sophistes. Image. Dialectique. Éducation. Ville.

SUMÁRIO

1 – Introdução	05
2 – O que é a imagem? E a dialética? Quais suas funções na educação?	08
2.1 – O que é a imagem?	08
2.1 – O que é a educação	11
2.3 – O que é a dialética?.....	13
2.4 – Revisão bibliográfica	14
3 – Conclusão	17
4 – Referência bibliográfica	18

1 – Introdução

Para compreendermos melhor a teoria platônica é preciso perceber que sua teoria é construída a partir de um freqüente diálogo ora com poetas, ora com sofistas. Os poetas eram tidos como sábios, a quem os cidadãos reproduziam. Segundo Villela-Petit só se imita, reproduz o que se admira (2003, pág. 67). Dessa forma, percebemos que os poetas gozavam de grande respeito perante a sociedade da época. Com isso, eles eram os mestres que ensinavam para as pessoas. Platão na personagem de Sócrates critica a forma de educar dos poetas, pois ela gera uma mera reprodução das palavras, não há um questionamento acerca do que é dito, mas uma reprodução do que se ouve (Villela-Petit, 2003, pág. 56, 57). Além disso, a poesia, segundo Platão, deturpa o *éthos* na medida em que afirma, por exemplo, que os deuses são falhos como nós seres mortais. Portanto, Platão estrutura seu pensamento se baseando, ou se contrapondo aos poetas. Tendo o “objetivo de destroná-los de sua posição e da autoridade que gozam no âmbito da educação” (Villela-Petit, 2003, pág. 61).

Os sofistas também são, de certo modo, anteriores à teoria platônica. Como nos diz Jaeger, “Do ponto de vista histórico, a sofística é um fenômeno tão importante quanto Sócrates e Platão. Mais: não é possível concebê-los sem ela”. (1936, pág. 316). Para eles a verdade universal não era possível, o que realmente existe é uma maior capacidade de persuasão. Cada ser humano percebe as coisas à sua maneira, para essa percepção não existe um universal. Um exemplo clássico é: quando toco na mesa e digo a mesa “está quente”, não necessariamente toda pessoa que tocá-la irá dizer “está quente”, pode acontecer de outra não concordar e afirmar que “está fria”. Nesse caso o que prevalece é a força do discurso, a capacidade de persuadir. Platão discordava dessa relativização da verdade que era a proposta sofista. Esse relativismo proposto deturpava uma das principais características da teoria platônica: o *éthos*, que também, segundo Platão, os poetas distorciam. No caso dos sofistas, a relativização da verdade repercute numa relativização da justiça, “o homem é a medida de todas as coisas” ilustra bem essa relatividade da verdade. Sem uma verdade cada homem cria sua própria verdade através do discurso, defendendo assim seus interesses. Nesse contexto a cidade justa apresentada por Platão não é sequer imaginável¹.

A democracia favorece o relativismo e enfraquece a aristocracia, que é apresentada por Platão como o melhor dos governos. Com isso, o filósofo governante proposto por Platão na República não faria sentido. Não haveria o domínio da razão sobre as demais faculdades da

¹ No *Teeteto*, Platão expõe as teses relativistas de Protágoras de Abdera e as refuta de diversas maneiras. *Teeteto*, 152a-152c; 158a; 159b-159e; 170d; 171e-172b; 178c-179b.

alma, mas é proposto o domínio do melhor discurso, o que vai de encontro à explicação platônica da *psykhé*, segundo a qual a parte racional deveria dominar as partes impulsiva e apetitiva. No caso de uma democracia haveria uma nivelção (equivalência) das diferentes partes. Em última instância essa relativização da verdade apresentada pelos sofistas pode trazer consigo o domínio da parte apetitiva sobre as demais, ou seja, a tirania (*República* VIII). Sendo essa a forma de governo que Platão e os gregos mais condenavam. “A cidade não tem maior inimigo do que um tirano, sob o qual, em primeiro lugar, não existem leis comuns, mas reina um só homem, tomando a lei em sua propriedade. Não existe nenhuma equidade nisto”. (Teseu em Eurípides. *As Suplicantes* vv. 429 ss.).

Essa super valorização do discurso causa problemas na estruturação aristocrata exposta por Platão na *República*. Qualquer artesão pode se vestir como nobre. Não existe determinação a ser ou não ser guardião ou filósofo governante, ou qualquer das outras funções. Por este motivo o *éthos* é tão importante na teoria platônica. É através desse *éthos* que Platão formula sua cidade bela (*Kallípolis*). Na perspectiva platônica, a *psykhé* apresentada também tem como finalidade se opor a essa imagem que “força” o lado apetitivo a assumir o controle, que o autor faz questão de ressaltar como sendo a explicação da tirania.

É tendo em vista o contexto no qual surge a teoria platônica que podemos de fato conhecê-la. Faremos isso tendo como objetivo a compreensão da educação. Platão faz como vimos toda sua teoria em contraposição ora aos sofistas, ora aos poetas. Entretanto, iremos nos limitar ao diálogo feito especificamente com os poetas. Para o filósofo, a imagem poética é enganosa, nos leva ao que não é a verdade. Isso porque as imagens poéticas não possuem nenhum objetivo de se mostrarem como imagens, elas se mostram como sendo a verdade (González, 2011, p.16).

A busca pela verdade é uma das principais características da teoria de Platão e os sofistas relativizam a verdade. Assim sendo, Platão se opõe a eles, afirmando que o que pensamos conhecer e as discussões que fazemos para a defesa de nossos interesses nas assembleias são meras imagens do que, de fato, é verdadeiro. O objeto do conhecimento verdadeiro deve estar para além das imagens. Segundo a imagem da caverna, é através de um processo dialético que percebemos o que é mais verdadeiro. Primeiro, vemos as sombras de uma árvore, depois imagens de uma árvore fabricada, no terceiro estágio a árvore física e por último percebemos o que a árvore é em si. Portanto, Platão coloca toda sua teoria dentro de uma grande imagem. É a partir dessa descoberta que advêm alguns questionamentos. Qual a importância da imagem na educação? Qual o papel da dialética nessa educação? A imagem é a única forma pela qual o homem pode ser educado? Partindo desse problema, como se pode

interpretar o Platão que é contra a imagem poética, mas formador de filósofos pela imagem? Muitas questões são levantadas; busquemos respostas para elas ou para quantas delas formos capazes.

2 – O que é a imagem? E a dialética? Quais suas funções na educação?

2.1 – O que é a imagem?

O cerne de nosso problema envolve a imagem, portanto cabe a nós entendermos melhor o que ela realmente é. Pode-se dizer que a imagem está presente em momentos importantes da teoria platônica. Contudo, a partir de certo ponto é preciso problematizá-la para atingirmos a inteligibilidade das coisas. Isso pelo fato de, como já foi dito, uma imagem ter de ser imagem de alguma coisa, ou seja, de algo que não é mais imagem. A partir dessa descoberta podemos assinalar que ficar na imagem não pode ser o objetivo da teoria platônica. O objetivo é justamente o oposto: sair da imagem. Se assim não fosse, não haveria sentido em buscar outra forma de conhecimento. Tocamos em um ponto crucial: o conhecimento. Façamos a seguinte análise: o conhecimento, segundo Platão, começa quando estamos na caverna e apenas vemos as sombras; de certo não é o melhor dos conhecimentos, mas não é uma completa ignorância. Se a imagem está presente em nosso primeiro “estágio” de conhecimento, não seria ela o fundamento de nosso conhecimento? O fundamento é aquilo que nos oferece a sustentação, é o alicerce de qualquer construção, mesmo que seja a construção do conhecimento. Através dessa abordagem podemos chegar à conclusão que a imagem não pode ser o fundamento do conhecimento pelo simples motivo de ela ser imagem de alguma coisa. Assim sendo, sem ela estamos na ignorância total; porém ela é o que nos oferece a oportunidade de conhecer. Até o momento não parece convincente a resposta que foi dada anteriormente. Parece que estamos confirmando o que a pergunta propôs. Aparentemente sim, porém o verdadeiro fundamento de nosso conhecimento não pode ser algo que não é em si. Uma imagem é apenas uma imagem, nada mais. Dessa forma, chegamos à conclusão de que a imagem não pode ser fundamento do conhecimento, pois o fundamento do conhecimento deve ser algo verdadeiro e a imagem não é a verdade, mas diz sobre a verdade.

O que é a imagem? Essa pergunta tem uma resposta? A resposta a essa pergunta não nos parece fácil, contudo façamos um esforço para chegarmos a uma conclusão aceitável. Excluimos duas possibilidades: fundamento e objetivo. Em uma redação, quando escrevemos um texto, ao redigirmos algo, possuímos um início, um meio e um fim. O início e o fim já foram descartados, resta-nos o meio. A imagem seria o meio desse conhecimento? Analisemos com cuidado para não cairmos em contradições. Ela não é o fundamento, nem o objetivo, porém chegamos a essas conclusões partindo sempre de uma imagem. A imagem

nos deu a oportunidade de afirmarmos que ela não é nem o objetivo, nem o fundamento. É a partir dela que chegamos ao objetivo da educação: o conhecimento. É também a imagem que nos dá a oportunidade ou possibilidade de sairmos da ignorância total. Sem ela certamente não possuiríamos nenhuma potencialidade de saída da total ignorância. Ora, a imagem é o que nos oferece a oportunidade do conhecimento. O que seria essa oportunidade? Seria o meio da redação, o que liga o início ao fim. Sem esse processo que o meio da redação proporciona não conheceríamos os motivos para o desfecho, ou melhor, nem conheceríamos o final. Da mesma forma, a imagem é o meio, o processo de nosso conhecimento, sem ela não teríamos a oportunidade do conhecimento. Ela é o mecanismo que proporciona a capacidade de conhecer, a potencialidade de saída da ignorância total e o caminho ao que é mais verdadeiro.

Sabemos, de maneira resumida, o que é a imagem. Busquemos agora responder o problema que encontramos no Platão iconoclasta que é também iconófilo. Em outras palavras, o Platão que “destrói” imagens e o que “fabrica” imagens. O grande problema que encontramos aqui é a contradição, mas será que realmente existe uma contradição platônica? Aparentemente sim. Apesar disso, devemos nos lembrar que no livro II Platão nos mostra o motivo pelo qual a imagem poética não deve ser usada na educação. “É que o jovem não é capaz de discernir o que é uma alegoria e o que não é, mas, quando tem essa idade, o que apreende das opiniões costuma tornar-se indelével e imutável.” (II 378e). Ou seja, o jovem não é capaz de perceber a alegoria como alegoria, mas a compreende como verdade. Não consegue perceber os erros, as falhas, não é instigado a ir além das alegorias que lhes são apresentadas. Isso porque elas são consideradas satisfatórias e apenas faz com que os jovens as reproduzam.

Partindo disso, Platão enumera as marcas que essas alegorias podem causar, na construção da cidade justa e bela. Eis o que devemos nos lembrar e que quase nos passa despercebido: Platão busca uma cidade justa e bela. Toda a educação proposta por ele passa por esta cidade bem governada. Dessa maneira, os motivos que ele levanta para discordar das imagens poéticas estão ligados aos problemas que elas trariam à cidade. Platão inclusive diz que a poesia nos encanta e abre possibilidade, para o retorno desta à cidade no livro X: “se a poesia imitativa que visa ao prazer pudesse apresentar um argumento que prove que é necessário que ela tenha um lugar numa cidade bem administrada, prazerosos, nós a acolheríamos porque temos consciência de que ela exerce um encanto sobre nós.” (X 607c). Ou seja, ele não discrimina a poesia por outro motivo que não os enganos que ela traz aos jovens, prejudicando assim a constituição da cidade. Encontramos aqui uma das principais críticas platônicas à imagem poética: ela nos encanta e nos faz acreditar que ela é a verdade.

Em Platão, a imagem tem grande importância, porém ela não pode de nenhuma maneira tomar o lugar da verdade. Uma imagem é só uma imagem de algo. Ela deve ser capaz de mostrar que é apenas uma imagem e não uma verdade. Por isso, “experimentada na sua insuficiência, em sua tensão dinâmica interna, a imagem é capaz de apontar para seu original, mesmo se esse original não nos é disponível diretamente ou independentemente dela. Porque a própria imagem se esforça para ser aquilo que não consegue ser, ela pode despertar em nós o desejo por aquele original que é só fracamente visto através da imagem.” (González, 2011, p.16).

Por isso, Platão critica as imagens poéticas, elas não conseguem demonstrar suas limitações, suas insuficiências, ao contrário, elas disfarçam essas deficiências e se mostram como completas, e, não como imagens. Não podemos, porém, resumir a crítica platônica aos poetas e suas imagens apenas à *República*. Em outros diálogos ele aborda tal crítica. Entretanto, não nos é conveniente, no momento, abordar toda a crítica platônica aos poetas, pois exigiria grande esforço e nos levaria a outros questionamentos fazendo com que nos distanciássemos de nosso objetivo: a importância da imagem na educação. Por este motivo, é interessante que nos limitemos à *República* que é a obra onde ele nos fala sobre a cidade bem governada e sua educação.

Voltemos a mais um motivo que Platão nos oferece para que a poesia não participe da cidade boa. À imitação poética é, sem sombra de dúvida, o objeto de forte crítica platônica.

“E sobre os prazeres do sexo, sobre a impulsividade e todos os apetites da alma, não só os que nos dão prazer, mas também os que nos causam dor e, segundo dizemos, nos acompanham em todas as ações? Tais apetites decorrem da imitação poética? Ela os nutre e irriga, quando devia deixar que secassem, e dá-lhes o comando sobre nós, quando devia fazê-los submissos a nós para que nos tornemos melhores e mais felizes e não piores e mais infelizes.” (X 606d).

Como sabemos a *psykhé* possui três partes: a racional, a impulsiva e a apetitiva, sendo que existe uma hierarquia entre elas. A parte racional deve dominar as demais e em nenhum momento a parte apetitiva pode assumir o controle, pois, nesse caso nos tornaríamos tiranos. Ou seja, escravos de nós mesmos (de nossos próprios apetites) e incapazes de reconhecer nos outros sua autonomia, escravizando-os (*Republica IX*). Chegamos aqui a mais um dos problemas que, segundo Platão, a poesia, a imagem poética nos traz: ela nos torna tiranos. Isso porque, como vimos, ela nutre os desejos, os apetites da alma, o que fortalece a parte

apetitiva e a incita a assumir o controle. Portanto, temos destacados dois grandes problemas: as imagens poéticas nos enganam e incitam nossos prazeres, quando deviam resignificá-los, redirecioná-los, e, em certos casos, dominá-los.

A questão é: em que a imagem platônica se distingue da poética? A imagem fabricada pelo filósofo deve seguir alguns requisitos para que não seja confundida com a imagem poética. Todos esses requisitos estão ligados ao bem da cidade. São eles: não se pode colocar medo nos guardiões, nem em nenhum outro participante da cidade, ou seja, não se deve deturpar o *éthos*. A imagem deve dizer a verdade e mostrar-se como imagem do que é a verdade, ou seja, deve ser reconhecida enquanto tal, deve apontar para o que é mais verdadeiro. Entretanto, não se sai da imagem sem que se faça a passagem pela mesma. O conhecimento do que não é mais imagem é alcançado imgeticamente. Portanto, eis em que a imagem platônica se distingue da poética: ela não é enganosa, pois se mostra como imagem e, ao contrário da imagem poética, reprime os prazeres fazendo com que a parte racional domine a parte apetitiva, além de não deturpar o *éthos*. Isso porque a imagem platônica se mostra como “insatisfatória aos nossos sentidos e nossa imaginação, sendo capaz de nos tornar conscientes da distância que existe entre a imagem e o original” (González, 2011, p. 16), enquanto a imagem poética disfarça completamente essa distância.

Após essa breve explanação, percebemos que a imagem é de suma importância na educação. Poderíamos em última instância dizer que sem a imagem não haveria educação. Entretanto, essa afirmação seria muito drástica e estaríamos simplificando de maneira excessiva a teoria platônica, além de colocar de forma indiferente a dialética. Isso seria um erro grave, pois, quando falamos em educação, especificamente em Platão, nos vem à mente a dialética. Muito falamos de educação, mas, o que seria educação para Platão.

2.2 – O que é a educação?

Platão nos apresenta uma proposta de educação que aponta para o que é mais verdadeiro, ou seja, que retira o sujeito das meras imagens, ou que, no mínimo, o faz distinguir a imagem da verdade. No livro VII da *República* (521d-541b) o filósofo discute e apresenta que aprendizados devem fazer parte da educação. É importante ressaltar que Platão está interessado em uma educação que não só retire o sujeito das imagens, mas também traga o melhor retorno à cidade. O primeiro conteúdo destacado pelo filósofo para fazer parte dos aprendizados é o cálculo, o segundo a geometria, o terceiro a pesquisa, o quarto a astronomia e o último aprendizado a ser passado é a dialética. O cálculo é apontado como o primeiro

aprendizado porque ele incita a reflexão sobre o modo pelo qual a inteligência é acionada e o homem é forçado ao que é mais verdadeiro. Isso ocorre através de um impasse, de um problema, pois só há reflexão quando nos deparamos com um impasse. Portanto o cálculo não deve ser utilizado apenas como os comerciantes fazem, mas deve ser estudado a fundo, pois, assim os homens não ficam presos às meras imagens sensíveis, mas obrigados a discutir sobre os próprios números.

A geometria é apontada com o segundo aprendizado, porque ela é o complemento do cálculo, além de também forçar o homem ao que é mais verdadeiro. As formas geométricas são de grande ajuda na arte da guerra e um general certamente tem necessidade de apreendê-la. Além de ser uma facilitadora para os outros aprendizados segundo Platão (VII 527c). A pesquisa é apontada como o terceiro aprendizado, pois o estudo sobre a dimensão dos cubos e a profundidade não é um conhecimento valorizado por nenhuma cidade. Assim uma pesquisa a respeito desse aprendizado deve ser instaurada, tendo um orientador e apoio a este por parte de todos os cidadãos. O quarto aprendizado é a astronomia. Contudo, Platão ressalta que não deve ser feita do modo que é feita pelos astrônomos, isso porque se assim for ela não os fará olhar para cima, para o que fôr mais verdadeiro, mas ao contrário os fará olhar para baixo. Ou seja, ela não deve ser utilizada apenas como contemplação da ordenação dos céus, mas com um questionamento acerca do inteligível, em busca do que há de mais verdadeiro neles.

Todos esses aprendizados devem ser oferecidos às crianças, sem que tomem a forma de imposição. Isso pelo fato de que nenhum aprendizado adquirido sob coação será duradouro. Os meninos devem ser levados à guerra, não como guerreiros, mas afim de que sintam o gosto do sangue, de modo que se possa perceber quais são mais aptos à guerra. A partir dos vinte anos, os que tiveram preferência nas escolhas deverão ser reunidos e não receberão nada sistematicamente, mas devem ser capazes de, em uma visão de conjunto, perceber as afinidades entre as ciências apreendidas. Aqueles que conseguirem perceber essas afinidades estariam aptos à dialética, o aprendizado mais nobre e que, com certeza, leva o homem ao que é mais verdadeiro. Esse seria o último aprendizado, e seria oferecido apenas àqueles que conseguissem perceber a afinidade que há entre os aprendizados propostos.

Sempre acompanhados de perto, é necessário perceber que aqueles que andarem mais próximos da verdade devem assumir papéis mais importantes. Contudo, não podemos deixar que se julguem superiores e imunes à lei, tornando-se assim transgressores. As leis devem ser respeitadas por todos, inclusive por aqueles que estão mais próximos da verdade. Além disso, deve-se tomar um outro cuidado: o discurso. Os que forem capazes de aprender a dialética não poderão conhecer o sabor do discurso utilizado apenas como disputa, pois, do contrário,

se tornariam semelhantes aos sofistas. O discurso não pode ser utilizado como um mero brinquedo. Os jovens, após sentirem o gosto do discurso, acabam por utilizá-lo dessa forma: como um brinquedo de disputa. Assim sendo devem ser mantidos longe dessa forma de disputa, até que amadureçam e sejam mais cautelosos em relação ao discurso. Assim, o filósofo, tendo a justiça como aliada deve se tornar o governante e isolar os filhos da cidade dos vícios de seus pais e, nesse isolamento, os aprendizados propostos devem ocorrer da forma descrita acima, para que a cidade rapidamente se torne próspera, justa e bela.

2.3 – O que é a dialética?

A dialética compreendida a partir dos textos platônicos, é a saída da imagem, é quando não há mais imagens. A dialética é o discurso feito através de perguntas e respostas, posições e refutações, processo que busca o que é mais verdadeiro. Porém, podemos fazer uma interpretação diferente. Na imagem da caverna podemos dizer que todo o processo de saída da caverna é permeado pelo processo dialético. Ou seja, em meio às imagens encontramos o processo dialético? Nessa interpretação, sim, entretanto, ela não é uma imagem, mas imagética. A dialética se desenvolve a partir de uma tomada de consciência crítica sobre o que é “imagem”: 1. a imagem no sentido corriqueiro, como por exemplo, sombras, reflexos, pinturas, esculturas, etc; 2. a própria realidade sensível como sendo “imagem” do inteligível; 3. os dispositivos mentais de reflexão e pesquisa como sendo “imagens do pensamento” (*Republica VI*). Utiliza-se de imagens: “é preciso reconhecer o aparecer relativo à pesquisa dialética (no próprio exercício do perguntar e responder epistêmicos): o fato de que algo aparece à inteligência que examina, durante o processo do diálogo. Portanto o objeto da ciência também se submete a diferentes apareceres”. (Marques, 2006, p. 19). A dialética não é imagem, pois se assim fosse cairíamos no erro de que tudo é imagem, o que é impossível, pois se algo é uma imagem ela deve ser a representação de alguma coisa que não seja uma mera representação.

Sabemos, desse modo, que a dialética também é um fator importante no processo da educação. Com essa conclusão as perguntas ganham ainda mais força. Qual a relação entre imagem e dialética, entendendo que nos textos encontramos que a dialética está para além das imagens? A dialética é o fundamento da educação? E a imagem, qual sua importância na educação? Perguntas complexas em certo sentido e algumas já obtiveram respostas. Contudo, mesmo as que foram respondidas, não o foram de modo satisfatório. É claro que a reflexão feita é muito resumida e, em alguns casos, esse resumo deixa de fora informações

importantes. Mas para nosso objetivo nos oferece uma mínima compreensão da reflexão platônica.

Algumas questões feitas anteriormente não possuíram resposta nessa reflexão: Qual o papel da dialética nessa educação? A imagem é a única maneira pela qual o homem pode ser educado? Partindo desse problema como se pode interpretar o fato de Platão ser contra a imagem poética, mas formador de filósofos pela imagem? Vejamos o que alguns comentadores pensam a respeito dessas questões.

2.4 – Revisão bibliográfica

Segundo Villela-Petit (2003, p. 55, 56, 61), como já foi mencionado, para compreender melhor a crítica de Platão aos poetas é preciso ressaltar que essa crítica não é iniciada por Platão, mas herdada por ele; que a poesia à qual ele se refere é a poesia mimética; e que a deturpação do *éthos* é um grande problema, já que ele é a base da cidade bem administrada.

Na tradição, os poetas eram os sábios nos quais os demais se espelhavam. Ou seja, admiravam-nos e por este motivo os imitavam. Porque só se imita o que se admira. Dessa forma, Platão, através da personagem de Sócrates, questiona essa mera reprodução. Segundo o autor, não se deve aceitar as coisas sem questioná-las. Podemos não chegar à verdade, mas não faremos mera reprodução (Villela-Petit, 2003, p.56, 57). Portanto, uma das marcas da educação proporcionada pelos sábios (poetas) era uma mera reprodução, à qual Sócrates se contrapõe. Além disso, a formação oferecida pelos poetas no campo ético é fortemente combatida por Platão. No livro II essa crítica é evidente quando ele faz menção ao Hades na visão da poesia de Homero. Segundo a poesia o Hades é um lugar ruim e de sofrimento. O problema dessa afirmação, segundo Platão, é que os guerreiros ouvindo isso não iriam querer morrer, com medo desse lugar. Temos aqui um exemplo clássico do autor para essa deturpação do *éthos* que a poesia propõe. Ao contrário, o *éthos* deve ser construído com o que há de melhor e não infundir medo, como no exemplo.

Outro ponto importante é o de que nem toda imagem é enganosa, algumas nos levam efetivamente a conhecer o verdadeiro. Ela não assume a posição de verdade, do objeto, ou da coisa da qual ela é imagem, mas ao contrário, nos induz a conhecer do que ela é imagem. A imagem poética não consegue nos forçar a ver o que é verdadeiro porque ela não possui coerência, uma das principais exigências da filosofia (Villela-Petit, 2003, p. 65).

Com isso, Platão não é contra os poetas, mas contra o não questionamento de suas obras. Eles só são excluídos da cidade pelo fato de oferecerem uma visão errônea dos fatos. Em seu texto: “Aparecer e imagem” (2009, p.1), Marques destaca uma característica dita por Platão sobre esse engano, sobre essa visão errônea. Segundo o autor, a imagem causa um fascínio. Dessa maneira, nos faz crer no que ela diz sem nos forçar a voltar para o verdadeiro. Outro ponto importante destacado por Marques é o do visível como metáfora do invisível. Isso significa dizer que é algo invisível que mantém o visível e é pelo visível que se chega ao invisível. Uma imagem disso é a luz. Não vemos a luz, ela é invisível, mas é o que proporciona o poder ver. É uma reflexão interessante, pois a relação com o conhecimento é estreita. Da mesma forma como é algo invisível (luz) que nos proporciona ver, é algo invisível que nos proporciona o conhecimento em Platão. O Bem é fonte de cognoscibilidade, ele proporciona o ser e a essência das coisas, entretanto, não é a essência das coisas. A luz é uma excelente forma de metaforizar o Bem.

Portanto, a imagem toma o visível como metáfora do invisível. Apenas pela imagem é possível pensar em Platão. Como sabemos, a imagem platônica nos conduz na direção do que não é imagem, assim, conhecer, em Platão, é reconhecer. Ou seja, reconhecer a imagem como imagem. Por isso, Sócrates reflete sobre a imagem e compreende que estas estão presentes não só no sensível, mas também no inteligível. Na imagem da linha (*República* VI 509D-511E) Platão propõe uma linha dividida em duas seções desiguais, uma denominada por ele como visível e a outra de inteligível. Em seguida, o filósofo divide novamente essas duas seções, contudo, com a mesma proporção, formando assim uma linha com quatro seções. Na seção do visível temos primeiramente as sombras e as aparições refletidas. Em um segundo momento temos os seres vivos, as plantas e todos os artefatos. Ou seja, na seção do visível encontramos apenas suposições e crenças. (*República* VI 510a). Na seção do inteligível, em um primeiro momento, a alma é forçada a se utilizar de hipóteses que a levam não ao princípio, mas ao fim. Isso porque nessa seção a alma não é capaz de ir além das imagens, das hipóteses, mas são apenas comparadas às imagens do visível e tidas como mais claras. Exemplo disso é a geometria, que contempla as hipóteses como princípios (*República* VI 511a). No segundo momento é proposto o que realmente é o inteligível: a essência inteligível. A inteligência se utiliza da dialética e apreende as hipóteses não mais como princípios, mas como hipóteses, como possibilidades de se chegar ao princípio de tudo: a não hipótese. Não há mais uso do sensível, mas apenas das formas, das idéias (*República* VI 511b).

Analisando essa explanação da linha, podemos perceber que cada seção é a imagem da seção seguinte, existe uma relação entre as seções, como o próprio filósofo propõe (*República*

VI 510a). Nesse raciocínio percebemos que só na última etapa da linha não há imagens, isso porque é o que está além da imagem, ou o verdadeiro. Neste sentido há possibilidade de multiplicidade no inteligível, porque, na primeira seção do inteligível, como vimos, as hipóteses são tomadas como princípios, ou seja, os princípios são também imagens. Assim, há uma multiplicidade de princípios e de hipóteses. Apenas na seção do que é verdadeiramente inteligível é que não há mais possibilidade de imagens, pois as hipóteses são entendidas como hipóteses e a partir delas é que se busca o princípio, abandonando-as e partindo apenas de idéias e formas em busca do princípio.

Uma ponderação feita por Marques é que não há uma necessidade de linearidade da linha. Segundo o autor seria simplificar muito a complexidade da imagem da linha. Isso pelo fato de que “trata-se de fazer duas coisas: descobrir e expor” (Marques, 2009, p. 22). Ao contrário, esse processo abre espaço para que a linha seja continuamente transitada no processo dialético, ou seja, os diálogos platônicos não são relatórios que seguem um padrão fixo, mas obras literárias que permitem idas e vindas em seu conteúdo. Isso permite dizer que “nos diálogos há reprodução, mas há também produção; há narrativa simples, mas há também engano; há busca de verdade, mas também ‘mentiras’; há um plano inteligente de composição, mas há também digressão” (Marques, 2009, p. 22). Ou seja, a imagem é utilizada de modo retórico e pedagógico.

Para Marques, devemos notar que Sócrates tem o hábito de falar por imagens (2009, p. 5). Seria porque elas não são tão “ruins” assim? Analisemos: pensar em Platão só é possível pela imagem (Marques, 2009, p.1) o que significa dizer que a imagem tem um papel importante na teoria platônica. O autor demonstra essa crença quando diz que a ignorância total é não conhecer nenhuma imagem, é a escuridão total, ausência de luz. A reflexão dialética acontece inicialmente por imagens, é elaborada por imagens, sem elas não caminharíamos na direção do que é mais verdadeiro. É através dos múltiplos que recebo, percebo uma noção em si. Assim, os múltiplos são o que são, enquanto são e ainda não são o que não são, enquanto não são. O corpo belo, por exemplo, é e não é. Enquanto corpo belo ele é enquanto um corpo dotado de beleza, porém não é a beleza em si.

A imagem é utilizada por Platão de modo retórico e pedagógico, assim como parte essencial do processo dialético (Marques, 2009, p. 23). A imagem é o caminho para a pura inteligibilidade, para além de toda imagem. Como quem faz esse percurso para além da imagem é o filósofo, ele deve ser amigo da cidade e persuadir a maioria, pois só ele reconhece a diferença entre o múltiplo e o uno.

3 – Conclusão

Portanto, podemos concluir que sem a imagem não haveria educação, pois não há outro modo de se chegar ao que é mais verdadeiro senão pelas imagens. Com isso, percebemos que a imagem é uma parte muito importante da educação bem como a dialética. A Dialética e, nesta, a reflexão crítica sobre a imagem são as bases da educação platônica, desde que se entenda que a imagem deve ser reconhecida como imagem. Isso porque podemos dizer que existe uma interdependência entre elas: imagem e dialética. Cada qual oferece seus artifícios para o homem, contudo uma se completa em relação à outra, ou seja, sem a dialética o homem não conseguirá ver além das imagens, não é possível conhecer o que é mais verdadeiro. Entretanto, se, ao contrário, o homem despreza as imagens, não será capaz de conhecer o que é mais verdadeiro, pois não haverá nenhum conhecimento para que a dialética o leve à verdade. A dialética independente da imagem se torna uma ferramenta inalcançável para o homem.

Com isso, percebemos que para que haja educação, (busca pela verdade e, sem esquecer o bem da cidade), é necessário ao homem utilizar bem a imagem para, de fato, conhecer o que é mais verdadeiro através da dialética. A dialética é o que permite ao homem discernir a imagem do real. Não existe possibilidade de se pensar sem as imagens (Marques, 2009, p. 1); sem a dialética não se sai das imagens e não se chega ao verdadeiro conhecimento. Assim, educação em Platão só é possível a partir da imagem e pela imagem. A dialética é a ferramenta essencial para o conhecimento da verdade, mas sem as imagens essa ferramenta se torna impotente, desnecessária, visto que o homem será sequer capaz de pensar.

Eis o motivo pelo qual Platão é formador de filósofos pela imagem: não é possível oferecer uma educação fora da imagem, mas é possível oferecer uma educação que mostre a imagem como imagem. Uma educação voltada para o reconhecimento da imagem enquanto tal, para que estas sejam utilizadas da melhor maneira. Diferentemente da educação proposta pelos poetas e, sofistas, que se volta para as imagens, fazendo com que os homens façam mera reprodução (poetas) ou se tornem escravos de seus discursos (sofistas). A partir disso nossa conclusão é inevitável: a imagem é de suma importância na educação da cidade bem governada, bem como a dialética, compreendida enquanto crítica da imagem.

4 – Referência Bibliográfica:

GONZALES, Francisco J. **Imagem e transcendência: paradigma erótico versus paradigma produtivo em Platão**. University of Ottawa, Canadá. Retirado em: <http://marquess56.blogspot.com/search/label/plat%C3%A3o> no dia vinte e quatro de janeiro de dois mil e doze.

GUTHRIE, W.K.C. **Os Sofistas**. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. **Paidéia**. Trad. A. M. Parreira. São Paulo: Herder, 1936.

MARQUES, Marcelo P. **Entre aparecer e ser: sobre República V**. In: SANTOS, Marcos M. (Org.) 1o. Simpósio de Estudos Clássicos da USP. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2006, p.247-270.

MARQUES, Marcelo P. **Os sofistas: o saber em questão**. In: FIGUEIREDO, Vinicius de (Org.). *Filósofos na Sala de aula*. Vol. 2; São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2007, p. 11-45.

MARQUES, Marcelo P. **República VI. Aparecer e imagem**. In: PERINE, Marcelo (Org.). *Estudos Platônicos. Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 137-166.

PLATÃO. **A República**. Trad. Ana Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VILLELA- PETIT, Maria da Penha. **Platão e a poesia na República**. Belo Horizonte: Kriterion, nº. 107, jun./2003, p. 51-71.